

MUDANÇAS CLIMÁTICAS: UMA ANÁLISE DA ZONA RURAL DOS MUNICÍPIOS DE ABADIÂNIA, GOIANÁPOLIS, NERÓPOLIS, PIRENÓPOLIS E SILVÂNIA

Talita Freitas Souza¹,
Joana D'arc Bardella Castro²

1 Graduada em Ciências Econômicas, UEG/Câmpus CSEH- Anápolis (GO). Aluna PIBIC CnPQ . E-mail: economia.talita@gmail.com.

2 Orientadora, docente do curso de Ciências Econômicas, UEG/Câmpus CSEH Anápolis – Doutora pela UnB.

Introdução

Os recursos naturais não possuem um preço, como o de mercadorias a venda no mercado, porém, como Mota (2009, p.37) explica, é que eles “constituem em ativos essenciais à preservação da vida de todos os seres”. O termo “valor” estudado nas ciências econômicas passou a ser questionado em relação ao meio ambiente, gerando diversas discussões que levou ao tema desse estudo.

Dessa forma, “o enfoque sistêmico da valoração ajuda no entendimento de como é importante compreender o valor que tem o meio ambiente para a sobrevivência das espécies na terra” (MOTA, 2009, p. 37). Então, se faz necessário saber o que a população entende por meio ambiente e as mudanças climáticas, para a partir desse ponto desenvolver atividades educativas, promovendo o conhecimento e a consciência de manter o cerrado preservado.

O objetivo geral desse estudo é investigar a percepção dos residentes dos municípios limítrofes de Anápolis, tais como: Silvânia, Abadiânia Pirenópolis, Nerópolis e Goianápolis pertencentes à zona rural a respeito das mudanças climáticas locais e globais e sua conexão com a ciência do Clima.

Os objetivos específicos são: teorizar sobre as mudanças climáticas e seus principais efeitos sobre o homem e o ambiente. Fazer uma pesquisa de campo nos municípios de Abadiânia, Goianápolis, Nerópolis, Pirenópolis, e Silvânia para ver a percepção humana sobre as mudanças climáticas e possíveis atitudes preventivas em momentos críticos. Caracterizar sócio e economicamente cada município, Abadiânia, Goianápolis, Nerópolis, Pirenópolis, e Silvânia.

Referencial Teórico

A influência da atividade humana sobre o clima é algo complexo afirmou Jacobi (2011, p. 136): “diz respeito ao que consumimos, ao tipo de energia que produzimos e

utilizamos, se vivemos na cidade ou em uma fazenda, em um país rico ou pobre, se somos jovens ou velhos, o que comemos.” O efeito das mudanças climáticas altera os fenômenos migratórios, aniquila os meios de sustento, transforma as economias, e suprime o desenvolvimento em muitos países.

O cerrado é o bioma típico da região estudada. As taxas de desmatamento no cerrado têm sido historicamente superiores às da floresta Amazônica e o esforço de conservação é muito inferior ao da Amazônia (KLINK; MACHADO, 2005). A divulgação da importância dessa riqueza para a subsistência da sociedade que vive nessa região é de extrema relevância para a conservação do mesmo. Constitui-se dessa maneira a valoração do cerrado para todos nós, e as mudanças climáticas que ameaçam esse território vêm provocando uma grande devastação na fauna e flora.

Metodologia

Foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, qualitativa para dados bibliográficos e quantitativos para a pesquisa de campo. A seleção dos artigos para pesquisa bibliográfica se deu através da mídia eletrônica, no portal Capes, SciELO, Google Acadêmico e *Climatic Change*. Foram aplicados questionários na zona rural das cidades de Abadiânia, Goianápolis, Nerópolis, Pirenópolis, e Silvânia.

Para a pesquisa de campo, o nível de confiança escolhido é de 95% (corresponde a dois desvios). Espera-se que pelo menos 50% dos entrevistados respondam aos questionários e tolera-se um erro em torno de 5%, portanto, a amostra foi de 62 pessoas, proporcionalmente divididos em 5 municípios.

O método escolhido para coletar e analisar os dados necessários a esta pesquisa foi o método probabilístico. Justifica-se tal escolha pelo número de pessoas. Segundo Gil (2010) é perfeito para estudos exploratórios ou quantitativos. Foi usada a amostragem sistemática para a pesquisa de campo e casual para a escolha dos indivíduos.

O cálculo para a extensão da amostra foi efetuado pela fórmula:

$$n0 = \frac{1}{(e)^2}; \quad \eta = n0 . N / n0 + N$$
 Onde: $n0$ é a aproximação do erro amostral, e erro amostral; N a população total e η o tamanho da amostra

Resultados e Discussões

Durante a pesquisa foram entrevistadas 62 pessoas residentes na zona rural nos cinco municípios selecionados. Desse total, as cidades com maior quantidade de residências

visitadas foram Pirenópolis com 22 propriedades e Silvânia 19.

Com relação ao gênero 61,29% são homens e 38,71% mulheres. A faixa etária, está bem distribuída, conforme descrita as três mais frequentes em ordem decrescente: 25,81% está na faixa etária de 40 a 50 anos, 22,58% tem entre 29 e 39 anos e 17,74% possui 62 a 69 anos de idade. Dos agricultores que comercializam seus produtos 48,08% são dependentes de atravessadores, porque não possuem meios para transportar seu produto da zona rural aos municípios. Isso, às vezes, desmotiva os agricultores a obterem renda por meio da agricultura. Somente 19,23% entregam os produtos na cidade e cooperativas que buscam até as fazendas e apenas 13,46% entregam em feiras livres.

A criação de animais é outra atividade desenvolvida nos municípios, especialmente a criação de aves (21,79%) para consumo doméstico e comercialização em pequenas feiras. Bovinos (26,82%) para comercialização de carne e leite, suínos (17,88%) para consumo doméstico e venda de carne em açougues da região e em pequena quantidade de peixes (10,61%).

Para bovinos a forma mais comum (65,63%) é a extensiva, e para suínos a forma mais difundida é a intensiva (26,56%). As aves (12,50%) são criadas de forma semiextensivas. É comum que os agricultores desenvolvam mais de um tipo de produção (22,91%), como agrícola (hortas, plantação de milho, mandioca, cana de açúcar, feijão) e criação de animais.

De forma geral os residentes na zona rural vêm percebendo alterações climáticas na região (74,19%) que incluem aumento do período chuvoso de 37,10% e da seca de 62,90%. Ao serem inquiridos sobre o aumento da temperatura, 90,32% responderam que a temperatura está mais alta, 1,61% que está mais baixa e 8,06% acham que está a mesma coisa.

Grande parte dos entrevistados (18,72%) notou mudanças relacionadas ao deslocamento dos meses frios e quentes - como por exemplo o início tardio das chuvas, que geralmente se inicia entre setembro e outubro em Goiás. Essa imprevisibilidade pode atrapalhar o planejamento das plantações, mesmo que 70,37% acompanha os períodos de chuvas e seca pela televisão. A maior parte dos pesquisados (90,51%) acreditam que houveram mudanças no da região desde que se instalaram em suas propriedades. Também afirmam que o clima piorou muito estando mais quente (24,14%) e a minoria são contrários (0,49%) ao afirmarem que nada mudou.

As mudanças no clima continuam sendo responsáveis pelos prejuízos na lavoura (12,00%) e na saúde dos animais. A perda com animais em períodos de seca é de 6,00%, fogo em pastos 17,33% (muito comum no cerrado em períodos de seca), queda de árvores 34,67% inclusive frutíferas, 5,33% inundação de casas e queda de barragens.

Com relação ao conhecimento sobre termos como mudanças climáticas e aquecimento global, 70,1% já ouviu falar e afirma conhecer os termos, porém 52% não sabe defini-los. Os que apresentaram respostas em geral relacionam ao desmatamento 19,3%, poluição 34,39%, queimadas 34,9% e 11,41% industrialização dos municípios. Mais da metade 57,36% dos inquiridos tomou conhecimento dos termos por televisão, 14,73% rádio, 20,16% escola 2,33% sindicatos e 0,78% igrejas.

As adaptações mais comuns em períodos de seca, (que geralmente são seguidos de frio em meados de junho e julho e muito calor entre agosto e outubro) são: comprar cremes hidratantes (11,18%), usar filtro solar (10,86%), fazer irrigação para plantas (10,54%), usar guarda sol para proteger (9,58%), aquisição de ar condicionado ou ventilador (9,27%), fizeram poço artesiano (7,99%), dentre outros. Em períodos chuvosos (novembro a abril, com dias quentes e noites mais frias) foram: compra de equipamentos de proteção como galocha, capa e guarda-chuva (20,81%), construir abrigo para os animais (19,46%), plantação de árvores para melhorar o declive do terreno (14,93%), barreira para conter enchentes ou erosões (11,31%) dentre outros. Quando questionados sobre a responsabilidade pelo aquecimento global 33,87% não se considera responsável e 66,13% acha que tem parcela de responsabilidade pelo aumento da temperatura na terra associado aos seus hábitos de consumo e atitudes cotidianas.

A experiência no ramo de negócios associados à agricultura e pecuária variou de 12 a 20 anos (20,97%) e mais de 20 anos (64,52%) os outros 14,51% tem em média 1 a 11 anos. Esse tempo de trabalho em um mesmo ramo de atividade, também influenciou na percepção das mudanças climáticas. Quanto maior o tempo na profissão, maior a percepção com as mudanças no clima. É interessante notar que no município de Silvânia a percepção estava relacionada à época de florir ou dar frutos (55,00%).

Fatores relevantes que foram apontados para as ocorrências de mudanças nos municípios estudados foram queimadas (48,33%), desmatamentos (21,67%), trânsito intenso e poucas chuvas (5,00%) e indústrias poluentes (3,33%), 16,67% assinalaram que não sabem o porquê dessas mudanças. Motivos que podem levar a mudanças climáticas são bem característicos de cada região. No município que tem como ramo a atividade indústria ceramistas como Abadiânia, Anápolis, Ouro Verde e Capo Limpo de Goiás, indústria moveleira artesanal em Pirenópolis, indústria de alimentos em Nerópolis e plantação de soja e milho em Silvânia.

Conclusão

Os resultados da pesquisa revelaram a percepção do fenômeno das mudanças climáticas. Esse conhecimento popular deve ser considerado para fins de planejamento de definição de políticas públicas como já estabelecido em Leis de Mudanças Climáticas em Goiás.

A população residente da zona rural está aos poucos se adaptando a um clima mais quente e chuvas mais fortes. Mas só isso não basta. É preciso e urgente mitigar os problemas relacionados às mudanças climáticas para que, num futuro próximo, perdas de produção não alcance quantidades que comprometam a vida no planeta, e que prejuízos econômicos não levem ao empobrecimento das famílias, levando-as a estado de miséria e profunda desigualdade social.

O tema “Mudanças climáticas” deveria ser melhor abordado entre os moradores da zona rural através de políticas públicas apropriadas levando em consideração o nível educacional e a faixa etária dos residentes. Também políticas públicas de financiamento para adaptação e mitigação os problemas advindos do clima.

Referências

- JACOBI, P. R. et al. *Mudanças climáticas globais; a resposta da educação*. Revista Brasileira de educação. V.16, n.46, jan./abr.2011.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2010.
- MOTA, José Aroudo. *O valor da natureza: Economia e política dos recursos naturais*. Rio de Janeiro-RJ: Garamond, 2009.
- KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. *A conservação do cerrado brasileiro*. Megadiversidade, Brasília-DF, vol. 1, nº 1, p. 147-55, julho 2005.